

Inclusão e Educação 3

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação 3 [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-031-5

DOI 10.22533/at.ed.315191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Incapacidade intelectual. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todas as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu III volume, com 18 capítulos, apresentam estudos sobre Paralisia cerebral; Autismo; Tratamento; Estimulação sensorial; Fisioterapia; Comunicação alternativa; aplicadas na educação com objetivo de sensibilizar, produzir conhecimento e mobilizar os leitores para as possibilidades e potencialidades dos discentes que possui alguma deficiência intelectual.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Porém somente em 2001 com a Resolução n2 e o Parecer n 9 que se evidencia como esse processo de inclusão educacional de pessoas com deficiência deve ser feito, fomentando uma comoção em todas as esferas educacionais como o currículo escolar, formação de docentes e didática de ensino.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume III é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem alguma das diversas deficiências intelectuais as quais podem comprometer seu processo de cognição, trazendo artigos que abordam: Revisões Literárias para aprofundamento do tema; experiências do ensino e aprendizagem, no âmbito escolar, desde as séries iniciais até a o ensino universitário que obtiveram sucessos; A fisioterapia e o Estimulo Sensorial como ferramentas de apoio ao desenvolvimento do discente; As tecnologias que ampliam as habilidades funcionais e, assim, promovem uma vida independente.

Por fim, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a pratica da educação inclusiva ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, tecnológicos, educacionais que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: CAMINHOS PARA A EFETIVAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS	
<i>Giuzza Ferreira da Costa Victório</i>	
<i>Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra</i>	
<i>Francimar Batista Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915011	
CAPÍTULO 2	9
ASPECTOS FACILITADORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO REGULAR: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
<i>Vera Lucia Mendonça Nunes</i>	
<i>Grazielle Perpétua Fernandes Mello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915012	
CAPÍTULO 3	17
INCLUSÃO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Leidy Jane Claudino de Lima</i>	
<i>Jorge Fernando Hermida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915013	
CAPÍTULO 4	33
O ACESSO E A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL PROF. JOSÉ DE SOUZA – ZEZÃO	
<i>Francimar Batista Silva</i>	
<i>Edilmar Galeano Marques</i>	
<i>Patricia Lima Domingos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915014	
CAPÍTULO 5	42
AVALIAÇÃO EDUCACIONAL FRENTE À INCLUSÃO: AÇÃO DOCENTE NO ENSINO COMUM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	
<i>Martha Milene Fontenelle Carvalho</i>	
<i>George Pimentel Fernandes</i>	
<i>Rosane Santos Gueudeville</i>	
<i>Ana Patrícia Silveira</i>	
<i>Calebe Lucas Feitosa Campelo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915015	
CAPÍTULO 6	52
O AUTISTA NA CONVIVÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR	
<i>Janine Marta Coelho Rodrigues</i>	
<i>Aureliana da Silva Tavares</i>	
<i>Suely Aragão Azevêdo Viana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915016	
CAPÍTULO 7	60
APRENDIZADO MUSICAL E DIMINUIÇÃO DE ESTEREOTIPIAS EM CRIANÇAS COM AUTISMO – ESTUDO DE CASO	
<i>Valéria Peres Asnis</i>	
<i>Nassim Chamel Elias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3151915017	

CAPÍTULO 8 69

MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE JACOBINA

Kátia Cristina Novaes Leite

Maikson Damasceno Machado

Eliata Silva

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios

DOI 10.22533/at.ed.3151915018

CAPÍTULO 9 80

BONECAS COM DEFICIÊNCIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Circe Mara Marques

Leni Vieira Dornelles

DOI 10.22533/at.ed.3151915019

CAPÍTULO 10 92

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO SUDOKU

Denise Vares Seixas

Zoraide de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.31519150110

CAPÍTULO 11 98

O DISPOSITIVO TECNOLÓGICO READSPEAKER COMO RECURSO À VERBALIZAÇÃO PARA ALUNA COM PARALISIA CEREBRAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adilia Maria Pires Sciarra

Fernando Batigália

DOI 10.22533/at.ed.31519150111

CAPÍTULO 12 106

UMA ANÁLISE SOBRE A RELAÇÃO DE APEGO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Nicolau Freitas dos Santos

Pompeia Villachan Lyra

DOI 10.22533/at.ed.31519150112

CAPÍTULO 13 117

A FISIOTERAPIA APLICADA EM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL UTILIZANDO OS PRINCÍPIOS DA INTEGRAÇÃO SENSORIAL

Cristiane Gonçalves Ribas

Jessika Kussem Santos

Flávia Letícia Martins Santos

DOI 10.22533/at.ed.31519150113

CAPÍTULO 14 134

A TERAPIA OCUPACIONAL EM UM SERVIÇO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ENSINO SUPERIOR – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora da Silva Firino Felismino

Cristyeleadjerfferssa Katariny Vasconcelos Mauricio

Juliana Peixoto Carvalho

Lívia Caroline Alves Souza

Andreza Aparecida Polia

DOI 10.22533/at.ed.31519150114

CAPÍTULO 15	143
COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA COM GESTOS E OBJETOS PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL	
<i>Flavia Daniela dos Santos Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150115	
CAPÍTULO 16	153
GRUPO TERAPÊUTICO DE ATIVIDADES LÚDICO DESPORTIVAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Inglis Araújo da Silva Gomes</i>	
<i>Juliana Cristina Salvadori</i>	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150116	
CAPÍTULO 17	162
VIRTUALIZAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO/LETRAMENTO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL POR MEIO DOS JOGOS ONLINE	
<i>Patrícia Souza Leal Pinheiro</i>	
<i>Maria Inês Corrêa Marques</i>	
<i>Eduardo Chagas Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150117	
CAPÍTULO 18	173
O USO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA COMO FACILITADORA DO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL	
<i>Shirley de Souza Silva</i>	
<i>Pâmela dos Santos Rocha</i>	
<i>Lídia Maria da Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.31519150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	180

O AUTISTA NA CONVIVÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR

Janine Marta Coelho Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba

Aureliana da Silva Tavares

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba

Suely Aragão Azevêdo Viana

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, Paraíba

RESUMO: Para melhor entender a síndrome do autismo e relacioná-la com as dificuldades enfrentadas pelos professores em uma sala de aula inclusiva, buscou-se desenvolver um estudo histórico de cunho bibliográfico a respeito do tema. É notório perceber que muitos profissionais da educação não sabem, se relacionar com pessoas autistas. O tema é pouco difundido pelos profissionais e muitos não sabem como se relacionar e desenvolver uma educação de qualidade favorecendo a interação do autista na sala de aula como um todo. Suas características peculiares de restrição no que diz respeito às relações interpessoais, dificultam mais ainda o trabalho do docente em sala de aula levando a não saber como lidar com tais situações. Deparando com tais fatos a pesquisa relatará alguns estudos realizados sobre o autismo favorecendo

conhecimentos que auxiliará no entendimento e no respeito a pessoas autistas. As informações apresentadas ao longo da pesquisa ajudarão não só o pedagogo na sala de aula, mas também os familiares a entenderem um pouco mais sobre esta síndrome e como se relacionar com pessoas autistas. Perceber que através da explanação do conteúdo sobre a Síndrome do Autismo realizado nesta pesquisa ficará mais fácil de tentar evoluir este quadro de aversão ao autista e buscar uma inclusão dessas crianças não só nas escolas, mas também na sociedade, favorecendo assim uma sociedade mais justa e menos excludente.

PALAVRAS-CHAVE: Autista, Educadores, Família.

ABSTRACT: This study sought to develop a historical bibliographic study on the subject of Autism Spectrum Disorder to better understand it and link it to the difficulties faced by teachers in an inclusive classroom. It is important to realize that many education professionals do not know how to relate to autistic people. The subject is not widespread by professionals and many do not know how to relate and develop quality education favoring the interaction of the autistic subject in the classroom as a whole. The peculiar restriction characteristics of these subjects with respect to interpersonal relations make the teacher's work even more difficult in

the classroom, resulting in not knowing how to deal with such situations. Because of this, this research will report some studies carried out on autism favoring knowledge that will aid in the understanding of and respect given to autistic people. The information presented throughout the research will help not only teachers in the classroom, but also family members to understand a little more about this syndrome and how to relate to autistic people. Through explanations concerning Autism Spectrum Disorder carried out in this research, it will be easier to attempt to evolve this autistic aversion scenario and seek inclusion of these children, not only in schools, but also in society, favoring a more just and less exclusive culture.

KEYWORDS: Autistic, Educators, Family.

1 | INTRODUÇÃO

Para que possa desenvolver uma educação de qualidade, dentro do âmbito educacional com crianças autistas, é de fundamental importância que primeiramente tenham um breve conhecimento sobre o assunto e possam identificar suas características obtendo assim suportes teóricos/metodológicos necessários para a construção do processo ensino-aprendizado como um todo.

É notório perceber que muitos profissionais da educação não sabem se relacionar com pessoas autistas. O tema é pouco difundido pelos profissionais e muitos não sabem como se relacionar e desenvolver uma educação de qualidade favorecendo a interação na sala de aula como um todo.

As características do autista em restrição no que diz respeito às relações interpessoais, dificultam mais ainda o trabalho do docente em sala de aula levando a não saber como lidar com tais situações.

O educador precisa estar aberto ao novo e favorecer um espaço de respeito e aceitação do autista com os alunos na sala de aula. A realização de atividades que envolva a participação de todos é algo que acontece em longo prazo e de forma diversificada, com características próprias de cada pessoa.

O desenvolvimento deste raciocínio da aprendizagem segue com base nos quatro pilares da educação apresentado por Jacques Delors: o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser.

Os quatro pilares da educação decorrem num espaço da aprendizagem que traz em suas premissas o interesse ao aprender, ao novo, que desperte a curiosidade de forma prazerosa e nunca imposta. O aprender a fazer é o começar a andar com suas próprias pernas, mesmo com suaves tombos, se reerguendo sem medo de correr riscos. É busca pelo acertar mesmo correndo risco de errar. O momento de aprender a conviver precisa de um amadurecimento do ser, do compartilhar, do saber da importância de aprender em contato com o outro, que crescerão socialmente, intelectualmente, psicologicamente dentro de um meio que fazem parte. Aprenderão a ser quando aprenderem a conviver em sociedade como um todo.

É no lecionar criticamente, é no conviver com base em um diálogo horizontal, construtivo, aberto à participação de todos, que os profissionais poderão encontrar uma saída para o florescimento de uma educação crítica, questionadora, com sua própria forma de pensar, agir, relacionar, lutar por seus sonhos, seus valores, por uma educação inclusiva.

Desenvolvendo um trabalho pedagógico dentro de tais perspectivas, torna-se mais fácil construir um elo de segurança entre o educador e o aluno autista, porque o educador tendo o conhecimento de suas limitações procurará desenvolver atividades escolares que favorecerá sua superação e interação na sua práxis escolar.

2 | METODOLOGIA

Para melhor entender a síndrome do autista (considera-se no estudo do autismo, por diferentes correntes de estudiosos os termos: TEA – Transtorno do Especto Autista, Transtornos invasivos do desenvolvimento e síndrome do autismo) e relacioná-la com as dificuldades enfrentadas pelos professores em uma sala de aula inclusiva, buscou-se desenvolver um estudo histórico de cunho bibliográfico a respeito do tema.

Tais estudos analisam desde 1906, quando começaram a surgir pesquisas sobre a Síndrome do Autista, até os dias atuais. Durante as décadas que se seguiram o autista era diagnosticado como Demência Precoce, Esquizofrenia Infantil, Psicose Simbólica, Desenvolvimento Atípico do Ego e um dos mais importantes nomes que recebeu foi a Síndrome de Kenner em homenagem ao psiquiatra Leo Kenner que desenvolveu desde 1943, grandes estudos nesta área e até hoje é lembrado.

Estas terminologias aconteciam frente à dificuldade que muitos estudiosos sentiam ao diagnosticá-los. Gauderer (1993, p.20) entre muitos, alegavam que

o autismo é uma síndrome das mais difíceis de compreender devido ao seu aspecto variável de gravidade, mudança periódica de sintomas, confusão, inconsistência na nosologia (ciência que classifica as doenças) e falta de sinais físicos específicos.

Desta forma, para se obter um resultado seguro segundo um modelo clássico de diagnosticar um indivíduo com a Síndrome do Autista, seria necessário, primordialmente, conhecer a síndrome depois seus processos patológicos através dos sintomas apresentado pelo paciente. Em seguida, analisar adentradamente os fatores etiológicos e só depois através de métodos de educação, desenvolver terapias racionais capaz de combater tais características apresentadas durante o estudo de caso.

Para isso é preciso que o médico siga uma lista de checagem, onde se observa:

- Dificuldade em ajustar-se com outras pessoas;
- Insistência com gestos idênticos

- Resistência a mudar a rotina
- Risos e sorrisos inapropriados
- Não temer perigo
- Pequenas respostas aos métodos normais de ensino
- Aparente insensibilidade a dor
- Ecolalia (repetição de palavras ou frases)
- Preferência por está só
- Conduta reservada
- Pode não querer abraços de carinho ou pode aconchegar-se carinhosamente
- Faz girar objetos
- Hiper ou hipo atividade física

Vale salientar, que os diagnósticos deste caso sempre são realizados com um grupo de profissionais especializados, pois são observados diversos anglos que o levam a ser denominado autista.

O autista é diagnosticado por um médico neuropediatra ou por um psiquiatra especializado, que é feito através de observações, já que o autista prefere está só, não forma relações pessoais íntimas, não abraçam, evitam contato de olho, resistem a mudanças, é excessivamente preso a objetos familiares e repetem continuamente certos atos e rituais, podendo vir a começar a falar depois de outras crianças de mesma idade, pode usar o idioma de um modo estranho, ou pode não conseguir por não conseguir ou não querer falar nada.

Uma das suas características mais marcantes e que as distinguem de outras patologias seria a dificuldade ou inabilidade dessas pessoas em seus relacionamentos interpessoais até mesmo com seus pais.

Geralmente, pessoas autistas apresentam uma característica bastante peculiar, a de não estabelecer reações “normais” com as pessoas demonstrando uma incapacidade, ou seja, dificuldade de relacionar.

Deparando com diversos estudos percebe-se que muitos sentem até dificuldade de conceituar a síndrome do autismo, mas segundo Gauderer (1993, p.03) alega que

O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre dez mil nascidos e é quatro vezes comum entre meninos que meninas.

Este conceito pode varia de estudo para estudo, pois é uma síndrome que apresenta características variantes e pode sofre algumas alterações nos seus conceitos.

A primeira instituição para autistas foi criada com muito esforço na Inglaterra em 1962, por iniciativa de familiares autistas e profissionais da área que afluíram debates sobre o assunto, criando assim, ao longo do tempo demandas de investigação sobre a questão da relação autismo e outros transtornos do desenvolvimento em especial o da deficiência mental e os problemas de linguagem e comunicação. Hoje principalmente no Brasil, os autistas devem ser integrados à rede regular de ensino.

3 | RESULTADO

Analisando os estudos desenvolvidos nesta área do saber ainda hoje são raras as ofertas de atendimento especializado, pois alegam que se comparada à síndrome do autismo com a de Down, por exemplo, conclui-se que os transtornos dos autistas são relativamente raros na população geral. Existem algumas estimativas na contagem dos autistas no Brasil, em 2015, em torno de 2 milhões de pessoas afetadas pela síndrome segundo a Associação Brasileira de Autismo.

Nos estudos realizados por autores como Leo Kanner e Rutter, foram elencadas algumas das características de uma pessoa com a síndrome autista.

Kanner (1943), em sua primeira descrição mencionou as seguintes características:

- Dificuldade para relacionar-se com pessoas, mesmo as de sua própria família, desde o início da vida;
- Falha no desenvolvimento da linguagem ou uso anormal e em grande parte não-comunicativo da linguagem, naqueles que falam;
- Inversão pronominal observada em todas as crianças que falam e ecolalia;
- Questionamento obsessivo e uso ritualístico da linguagem;
- Respostas anormais a eventos e objetos do ambiente como comida, ruídos intensos e objetos com movimento.
- Bom potencial intelectual com memória imediata excelente e desempenho normal no teste de pranchas de seguin;
- Desenvolvimento físico normal, muitas crianças eram desajeitadas, mas tinham boa coordenação motora fina;
- Já nos estudos realizados por Rutter (1981) propõe que sejam acrescentados quatro critérios essenciais nas características do autista como
- Surgimento antes dos 30 meses;
- Desenvolvimento social prejudicado com uma série de características especiais e que não correspondem ao nível de inteligência da criança;
- Desenvolvimento de linguagem retardado e desviante, também com uma série de traços característicos e que não correspondem ao nível intelectual;
- Insistência na manutenção da mesmice, demonstrada por padrões estereo-

tipados de jogo, preocupações anormais ou resistência a mudanças;

Através dessa análise, metaforicamente, os autistas são chamados por alguns autores de “fortaleza vazia”, “tomadas”, “conchas”, “ovo”, “buraco negro”, “carapaças”, cujo mundo psíquico é apresentado como desvitalizado e despovoado.

Segundo Cavalcanti E Rocha (2001, p.12), essas metáforas são terríveis, pois circunscreve o imaginário teórico e clínico e que acompanham tanto os familiares quanto aqueles que trabalham com essas crianças.

O que se percebe é que descritas desse modo às crianças denominadas autistas inquietam e fascinam. Aparentemente não se consegue ficar diferente diante delas. O distanciamento, o jeito imaginário, o fascínio pelos movimentos circulares, os olhares fixos em um horizonte invisível que costumam apresentar, parecem justificar, para alguns autores, a crença de que estas crianças estão na fronteira da humanidade.

Hoje, o autismo é um tema privilegiado de estudo para os psicanalistas contemporâneos. A definição pelo déficit, pela ausência de desejo, de fantasia, de relação com o mundo e com a vida, quase como vem ser sem subjetividade ou pelo menos sem semelhança de subjetividade que permita um mínimo de positividade. Contudo Bleuler (2001, p.44) afirma

eles vivem num mundo imaginário, feito de todo tipo de realizações, de desejos e de idéias persecutórias. Mas esses dois mundos são realidades para eles: às vezes podem, de maneira inconsciente, distinguir entre os dois, Em certos casos o universo autístico parece-lhes mais real, o outro é um mundo de aparência.

Alguns autores no passado, vinte ou trinta anos atrás, levantaram a hipótese de que o autismo seria causado de alguma maneira, pelo relacionamento problemático mãe e filho. Isso porque acreditavam na possibilidade do autismo ser gerado por mães inconsciente ou inconscientemente rejeitavam seu filho, ou o tornavam objeto de hostilidade. Estudos também postularam que os pais estariam paralisados, incapazes de lidar com seu filho e com isso gerando uma psicose.

O próprio Leo Kenner, em alguns de seus estudos traçou para os pais um perfil de “mães emocionalmente frias” e de “pais intelectuais” que investigam mais na observação do seu bebê do que no contato com ele. Hoje se evidencia que pais de autistas, em geral, não são diferentes emocionalmente dos que filhos normais ou neurológicos.

Com o avanço das pesquisas descobre-se que o autismo não tem cura, diferentes foi o empenho e entusiasmo por este ou aquele método levando a resultados conflitantes e a não supremacia de uma abordagem terapêutica.

Vários foram os métodos utilizados para tal: psicoterapia individual, psicanálise, terapia familiar, modificação de comportamento, terapia da palavra, educação especial, tratamentos residenciais, tratamento medicamentosos, estimulação sensorial, isolamento sensorial até porções caseiras, rezas, promessas e outras credences populares.

Mas como o autista pode variar muito na sua capacidade intelectual, compreensão e uso de linguagem, estágio de desenvolvimento, idade na época do tratamento, nível de desenvolvimento e personalidade, grau de gravidade da doença, clima e estrutura familiar, qualquer método ou procedimento pode funcionar para uma criança e não para outra.

Assim, buscou-se uma abordagem de flexibilidade e ecletismo, uma adaptação de métodos diversos a fases e problemas diferentes. Os pais e as crianças se beneficiaram acima de tudo de um plano em longo prazo com uma orientação clara e específica, que também leve em consideração mudanças evolutiva e regressões espontâneas. Essas oscilações devem ser reconhecidas para não serem confundidas com progressos ou falhas de um plano terapêutico. Sobretudo, é importante que o plano seja realista.

O aconselhamento dos pais é eficiente quando visa a lidar com as dificuldades decorrentes de cuidar dos autistas e quando objetiva avaliar a sensação de culpa e perda de auto-estima que os pais e responsáveis desenvolvem. Eles devem receber ajuda apropriada, pois se orientados construtivamente, tornar-se-ão o grande trunfo no tratamento e em uma melhor convivência com o autista.

No que diz respeito à escolarização do autista, deve ser em escolas comuns com apoio de especialistas, clínicas ou centros residenciais. A participação dos pais é benéfica, ainda que não traga resultados diretos para os filhos, pois sentem que estão colaborando, o que lhes dá apoio, diminui ansiedade, traz conforto e alívio psicológico. Assim, segundo Gauderer (1993, p.47) *a educação especial, não pode ser dissociada da socialização. Melhorar o contato com outras crianças da mesma escola e com os professores é importante. Mas, é importante que na escola ele tenha uma rotina estruturada, que faz com que ele se sinta no tempo e no espaço, o professor deve fazer parte dessa rotina.*

A valorização dos elementos da natureza como o sol, a chuva, as árvores estimulam o autista a ter um contato e a percepção do seu meio. A utilização de música, as preferências são sempre pelas infantis, a canção deve estar sempre de acordo com o momento específico tais como; chegada, hora do lanche, hora da higiene cuja criança possa relacionar a música com a atividade em andamento.

Além das técnicas, a rotina diária é muito importante na educação do autista o qual não deve ser alterada, qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança. Deve ser valorizado cada momento da criança, assim o professor faz com que o aluno sinta liberdade de expressar-se.

Acredita-se que amor, paciência e perseverança é o caminho para todos que o rodeiam, vivendo assim em harmonia e tendo um bom relacionamento com o autista.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo deste trabalho buscou refletir sobre as dificuldades não só do educador ao se relacionar com um autista em sala de aula, mas também da família e de todos.

Perceber que através da explanação do conteúdo sobre a Síndrome do Autismo realizado nesta pesquisa ficará mais fácil de tentar evoluir este quadro de aversão ao autista e buscar uma inclusão dessas crianças não só nas escolas, mas também na sociedade, favorecendo assim uma sociedade mais justa e menos excludente.

Através dos estudos realizados nesta pesquisa percebe-se que alguns passos importantes foram realizados visando à inclusão de nossas crianças com autismo na sociedade, nas escolas convencionais, mas que ainda falta muito trabalho para esta concretização.

Lutar pela realização da importância deste processo de inclusão requer muito estudo e reflexão de sua prática. Uma melhor formação de nossos educadores é de essencial importância para que, conscientemente, consiga exercer seu trabalho com sucesso e segurança.

Entretanto, pode-se afirmar que, se cada educador buscar aprofundar um pouco mais sobre sua prática, realizando um trabalho com amor e responsabilidade conseguirá momentaneamente por em prática a inclusão das crianças autistas excluídas pela sociedade.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cláudio Roberto. ROSA, Cleonice. **Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção. Artmed. 2007.

CAVALCANTI, Ana Elizabeth. ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo**: construção e desconstruções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001 (coleção psicanalítica)

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Autismo Infantil**: repensando o enfoque fonoaudiológico, aspectos funcionais da comunicação. Lovise. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 34^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAUDERER, E. Chistian. **Autismo**. Ateneu. 1993. 3^a Edição.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho (org.). **Formação docente**: contribuições do ideário de Paulo Freire. João Pessoa: Sal e Terra, 2006.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. SPENCER, Eric. **A criança autista**: um estudo psicológico. João Pessoa. Wak, 2010.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-031-5

